

EM FOCO

UNIRIO

EDIÇÃO 33 | JANEIRO~FEVEREIRO/2023

Novo tempo

Professores dos cursos de graduação e pós-graduação em Ciência Política da UNIRIO discutem desafios e expectativas para o Brasil e para a universidade pública nos próximos anos

GABRIELLA PRAÇA



"**E**sse é o cara!". Catorze anos atrás, em 2009, essa frase estamparia jornais de todo o país, ao ser proferida pelo então mandatário dos Estados Unidos, Barack Obama, ao encontrar o presidente brasileiro em uma reunião do G20, grupo que reúne as maiores economias do mundo. Na época, Luiz Inácio Lula da Silva cumpria seu segundo mandato presidencial, iniciado em 2007. Agora, o político retorna ao poder, para seu terceiro governo – porém, em um cenário nacional e internacional que em nada se assemelha àquele longínquo ano de 2009.

Os atos antidemocráticos ocorridos em Brasília, no dia 8 de janeiro, e repudiados por inúmeras instituições, entre elas, a UNIRIO, expuseram ao mundo um país profundamente dividido e, em muitos aspectos, fragilizado. “Já imaginávamos que algo aconteceria, mas esperávamos que seria entre o primeiro e o segundo turno, ou pouco depois, entre a eleição e a posse – a exemplo da invasão do Capitólio dos Estados Unidos”, revela o professor André Coelho, da Escola de Ciência Política, lembrando o evento ocorrido dois anos antes. “O momento em que tudo ocorreu foi uma grande surpresa, assim como a falta de empenho das forças policiais e militares em responder aos ataques naquele instante”, completa.

Ricardo Stuckert/ Agência Brasil

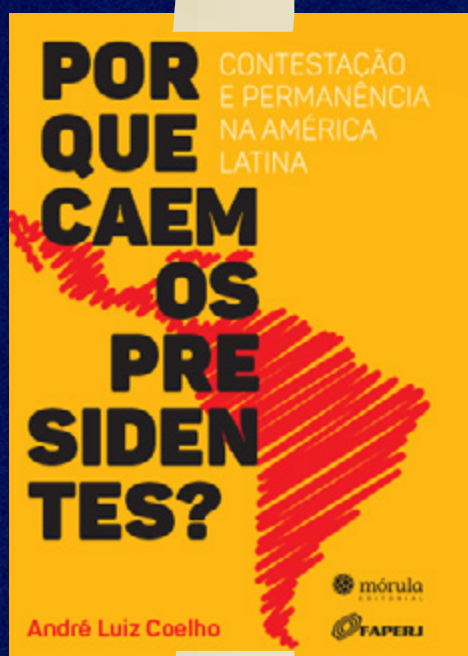


Lula e Obama reunidos (2009)

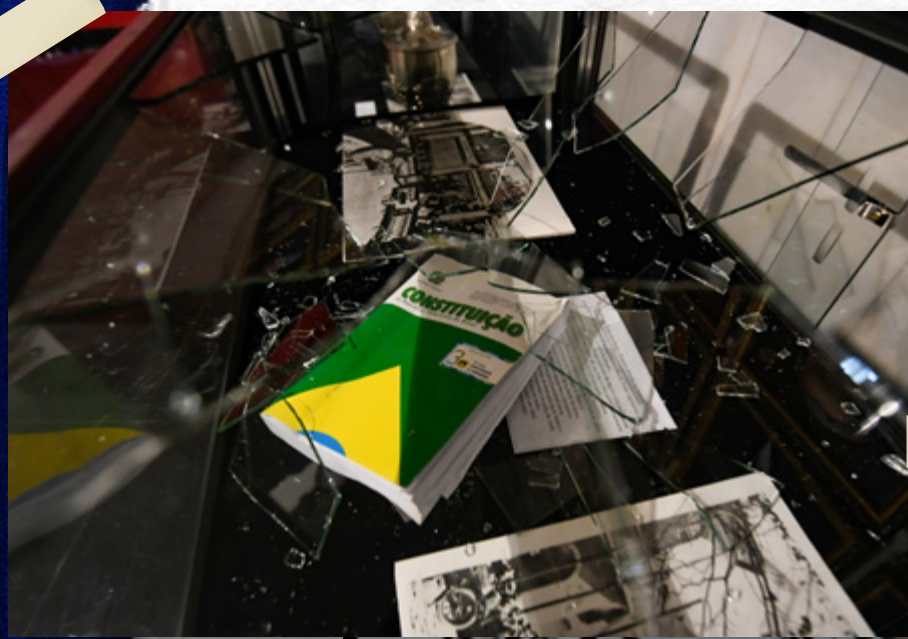
Invasão do Palácio do Planalto, em janeiro deste ano



Invasão do Capitólio, janeiro de 2021



Autor do livro *Por que caem os presidentes? Contestação e permanência na América Latina* (Mórula Editorial, 2022), Coelho ressalta a manifestação imediata de atores políticos brasileiros e estrangeiros, no sentido de referendar o processo eleitoral, garantindo a manutenção da democracia no país. “Pela gravidade dos atos, com a destruição de símbolos nacionais, a resposta veio muito rápido, por parte das três esferas de poder e de outros chefes de Estado”, avalia, indicando que esse movimento de união pode contribuir para o avanço da agenda governamental.



Jefferson Rudy/ Agência Brasil

Invasão do prédio
do Congresso
Nacional (2023)



Joedson Alves/ Agência Brasil

Escultura *A Justiça*, localizada em frente ao prédio do Supremo Tribunal Federal e vandalizada durante as invasões (2023)



Fernando Frazão Agência Brasil

4

Atendimento
médico do Sistema
Único de Saúde (SUS)
ao povo Yanomami

EM FOCO

Para o professor, a conjuntura atual é desoladora. “Denúncias como a crise dos Yanomami têm mostrado à opinião pública que há um grande trabalho a ser feito, pois o novo governo chegou em uma ‘terra arrasada’”, ressalta. Mas é preciso superar o discurso da chamada “herança maldita”, para justificar as mazelas atuais: “o importante é apresentar soluções, com ações concretas”, pondera.

O combate à fome emerge entre as prioridades definidas pelo novo governante, desde a campanha presidencial. “É uma questão fundamental. Acredito que o governo buscará a redução da fome, por meio de programas sociais atrelados a condicionalidades – como, por exemplo, a exigência de matrícula escolar para as crianças”, sugere. O resultado, segundo André Coelho, seria uma série de impactos sociais de médio e longo prazo, para muito além da segurança alimentar.

UNIRIO • COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

O combate à fome
emerge entre
as prioridades
definidas pelo
novo governante,
desde a campanha
presidencial.

State Emergency Service of Ukraine/REUTERS



Prédio destruído em ataque militar da Rússia na cidade ucraniana de Vinítsia, em 14 de julho de 2022

América Latina

Internacionalmente, o cenário também envolve grandes desafios. “O contexto atual é muito complexo, com a guerra na Ucrânia, a disputa geopolítica EUA-China, fortes polarizações e um mundo pós-pandemia”, destaca a professora Maria del Carmen Villarreal Villamar, do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política.

Em relação à América Latina, a docente aponta os prejuízos sociais e econômicos causados pela pandemia, em um continente que já vinha em crise há anos. “No começo do século XXI, houve um ciclo progressista, mas, em seguida, a região passou a se caracterizar por governos de cunho conservador, que não se destacam pela sensibilidade em termos sociais”, indica. “Nesse momento, chegou a pandemia, agravando ainda mais nossos problemas”, ressalta a professora, que coordena o Grupo de Pesquisa em Relações Internacionais e Sul Global (Grisul) da UNIRIO.

De acordo com a especialista, o novo governo representa a volta do Brasil ao protagonismo das relações internacionais, posicionando-se como a “voz” da América Latina no mundo: “Em meio a guerras, impactos ambientais e muitas outras adversidades, o Brasil retorna com propostas para combater a desigualdade

O novo governo representa a volta do Brasil ao protagonismo das relações internacionais, posicionando-se como a “voz” da América Latina no mundo.

social, priorizar a questão climática e promover a integração regional”.

O país já se reintegrou à Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos (Celac) em janeiro, após dois anos fora do bloco, e deverá fortalecer sua participação no Mercosul e na Organização do Tratado de Cooperação Amazônica. O governo sinalizou, ainda, que pretende recriar a União de Nações Sul-Americanas (Unasul). “O Brasil não é uma ilha, ele faz parte de uma região”, salienta Maria del Carmen, e conclui: “Este é o momento de se pensar na cooperação internacional, para que os países trabalhem em conjunto, de forma horizontalizada, no enfrentamento dos desafios globais”.

Ricardo Stuckert



Presidente Lula, durante sessão de abertura da VII Cúpula da Celac, em Buenos Aires (Argentina, 2023)

Jornal O Globo de 18 de Setembro de 2021, página 30



Cientista brasileira Natalia Pasternak critica ex-ministro da Saúde Marcelo Queiroga de difundir mentalidade anticientífica

7

Jornal O Globo de 1º de agosto de 2022, página 10



Cortes orçamentários ameaçaram o funcionamento das universidades

Jornal O Globo de 08 de Março de 2022, página 9



Sem reajuste

das Instituições de Ensino Superior e do conhecimento que produzem. “As universidades são atores-chave nesse processo, refletindo sobre o mundo atual e pensando em soluções para os problemas”, salienta, citando a busca pelo desenvolvimento sustentável e a redução das desigualdades sociais como questões que demandam respostas.

A valorização passa, necessariamente, pelo investimento nas universidades, afetadas por sucessivos cortes orçamentários ao longo dos últimos anos. “As bolsas de pesquisa estão sem reajuste desde 2013 e, a cada ano, o quantitativo ofertado diminui”, lamenta o professor André Coelho. No caso dos servidores docentes e técnico-administrativos em educação, o último reajuste salarial ocorreu há seis anos. “Há uma desmotivação muito grande, e muitos profissionais estão abandonando a docência ou abrindo mão do regime de dedicação exclusiva, para retornarem ao mercado”, revela.

O clima de desânimo se reflete, também, no aumento da emigração e na baixa procura por cursos de pós-graduação. “Este ano, recebemos pouco mais de 20 inscrições para o mestrado em Ciência Política, mas, em seleções passadas, já tivemos mais de 100 candidatos inscritos: a queda foi absurda”, constata Coelho. O professor aponta, ainda, o movimen-

to de “fuga de cérebros”, em razão do enfraquecimento do mercado de trabalho brasileiro. “Posso garantir que, a cada ano, o número de alunos meus que deixam o país aumenta – e quem ainda não foi para o exterior tem muita vontade de ir”, assegura, completando: “Muitos deles vão fazer mestrado fora, enquanto outros vão ‘na cara e na coragem’, em busca de oportunidades”.

Resistência e inclusão

Em meio às dificuldades, a universidade pública resiste. “Suportamos os ataques e também a pandemia: ficamos de pé, apesar de tudo”, comemora a professora da Escola de Ciência Política Andréa Lopes. Para ela, o momento atual é de reconstrução da universidade e resgate do protagonismo do fazer científico. “A expectativa é de uma gestão que fortaleça as pesquisas, a pós-graduação, a permanência no ensino superior, o financiamento, a internacionalização e o fazer acadêmico”.

À frente da Coordenadoria de Políticas Estudantis da UNIRIO, Andréa destaca a necessidade de medidas de estímulo à permanência dos alunos na universidade, evitando a evasão. A docente observa que estudantes em situ-



Fenômeno da "fuga de cérebros" se intensificou nos últimos anos

O momento atual é de reconstrução da universidade e resgate do protagonismo do fazer científico.

ação de vulnerabilidade social conseguem ingressar na graduação por meio de cotas, mas precisam de apoio para custear alimentação e transporte, além de disponibilidade para assistir às aulas. “Não basta incluir; é preciso criar formas para se permanecer”, sentencia. Entre os mecanismos vigentes, há o auxílio material, representado pelas bolsas, além de ações de apoio pedagógico e psicológico.

O mercado de trabalho também representa um desafio. “Como o ensino superior tem a finalidade de formação profissional, a composição do corpo discente deveria se refletir na ocupação dos postos de trabalho”, ressalta a professora. “Entretanto, o mercado ainda é um espaço prioritariamente branco e masculino”, observa. Segundo ela, a expectativa é de que o novo governo se volte para questões como essa, promovendo uma gestão vinculada à democracia, à igualdade e à inclusão. “Os projetos estão sendo construídos, desde já, com movimentos ativistas e outros setores da sociedade civil organizada”, aponta.

JANEIRO ~ FEVEREIRO/2023**INFORMATIVO ELETRÔNICO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO****Edição**

Daniela de Oliveira Pereira

Revisão

Simone Bastos Rodrigues

Programação Visual

Bruno Tostes de Aguiar

Imagens de fundo (miolo)

Freepik

SUGESTÕES DE PAUTA: COMUNICACAO@UNIRIO.BR**COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

@unirio_oficial



@unirio_oficial



Ciência na UNIRIO



Agenda de Eventos



UNIRIO na mídia